



Mídias-educação: Um panorama de produção científica entre 2005 e 2011¹

Zeneida Alves de ASSUMPCÃO²

Universidade Estadual de Ponta Grossa, UEPG-Paraná

Resumo

O artigo busca mapear e analisar temáticas sobre mídias-educação construídas nos Programas de Pós-Graduação em Educação, das Instituições de Ensino Superior (IES) estaduais paranaenses entre 2005 e 2011. Das 563 temáticas desenvolvidas nas dissertações, 524 focam a temática não-midiática e 39 a temática midiática (mídias analógicas e mídias digitais/interativas). Optou-se por pesquisa bibliográfica, mapeamento temático e análise de conteúdo (Bardin, 1970). Foram elencadas duas categorias: 1ª Mídias analógicas e 2ª Mídias digitais/interativas para a análise de conteúdo. Observou-se tímida produção em mídias-educação nesses Programas. O número de dissertações sobre a temática não-midiática supera ao número das direcionadas à temática-midiática. O resultado indica que elas não se “materializam” e não ganham visibilidade nos Mestrados das IES investigadas, é o que demonstra a pesquisa.

Palavras-chave: mídias; visibilidade; produção científica.

Introdução

Este artigo é parte constitutiva de uma pesquisa maior, sobre o tema: interface mídias-educação nos Mestrados em Educação, em âmbito nacional.

Foram analisados os resultados parciais defendidos nas dissertações dos Programas de Pós-Graduação em Educação, das quatro Instituições do Ensino Superior (IES) do Estado do Paraná: a) Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG); b) Universidade Estadual de Londrina (UEL); c) Universidade Estadual de Maringá (UEM); d) Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), no período entre 2005 até 2011 e que foram publicadas eletronicamente nos sites das referidas IES. A Universidade Estadual do Centro Oeste do Paraná (UNICENTRO) não fez parte do

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2012.

² Doutora, docente-adjunto da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG-Paraná). Email: zassumpcao@gmail.com.



universo dessa pesquisa por não contemplar o Mestrado em Educação no período avaliado.

Para que haja compreensão desse recorte investigativo, torna-se necessário inserir no aporte teórico, a interface mídias-educação, compreendendo: mídias analógicas e mídias digitais/interativa como recursos midiáticos presentes nas práticas pedagógicas da sala de aula. Dessa forma, é possível analisar e compreender as temáticas reveladas nas dissertações selecionadas para essa investigação.

Revisão de Literatura

A discussão sobre o uso das mídias na sala de aula como recurso pedagógico é uma discussão antiga e inacabada que se articulou, primeiramente, com os pressupostos metodológicos da “Escola Nova”, nas primeiras décadas do século XX. Essa metodologia privilegia o aluno como um “sujeito ativo e participativo” do processo ensino-aprendizagem, mediante uma de suas vertentes, denominada estudos do meio. Nesse contexto, as mídias adentram a sala de aula.

Diversas literaturas e produções científicas nacionais e internacionais registram a ocorrência de práticas pedagógicas com o uso de mídias, como objetos de ensino na educação escolar. Na França (1920), por exemplo, o psicólogo e educador Celestin Freinet foi o mentor do jornal e imprensa escolares, utilizando-os na escola. Em Varsóvia (Polônia), o médico-educador Janusz Korzark incentivou também os alunos a participarem e produzirem textos para os jornais: *Semanário*; *A Pequena Supervisão* e *Maly Przegląd* (GOTTIEB, 2001).

A realidade educacional brasileira não foi diferente dos demais países adeptos à Pedagogia Escolanovismo. Os pesquisadores Newton D’Angelo (1994) e Silvério Horta (1972) atestam, nas suas pesquisas, a influência da Escola Nova para com o uso de mídias na sala de aula.

Mesmo que não haja mais, nos dias atuais, tanta efervescência em prol do Escolanovismo, as mídias analógicas e digitais continuam em pauta nos debates acadêmicos e na esfera governamental. O MEC promove, através da Secretaria de Educação a Distância (SEED), em Brasília/DF, o Programa Mídias na Educação. Direcionado à Educação a Distância, por meio de módulos, o Programa prioriza a formação continuada do professor da educação básica para o uso pedagógico das diferentes tecnologias da informação e comunicação (televisão, informática, rádio e



impresso). Além do MEC, o Departamento de Comunicação e Artes (ECA), da Universidade Estadual de São Paulo (USP), criou o Curso de Licenciatura em Educomunicação, em funcionamento desde março de 2011. O curso destina-se aos professores que atuam, também, na educação básica.

As iniciativas do MEC e ECA vêm contribuir de forma positiva com a educação escolar, através da formação do professor para com o uso das mídias na sala de aula. A escola e o aluno fazem parte da sociedade da informação. Hoje, os alunos chegam às salas de aula já trazendo consigo bagagem educativa e cultural advindas das mídias analógicas (rádio, jornal, revista, televisão) e das mídias digitais/interativas (computador, internet, webradio; rádio, jornal e revista on-line; blogs, webQuest, podcast, redes sociais, etc), tecnologias estas, que podem e devem ser utilizadas de forma crítica, como ferramentas de ensino, por atenderem aos interesses de crianças, adolescentes e jovens, considerados pelo pesquisador Juan Luis Cebrián (1999) - “a geração da rede”.

E, por que essa geração está tão ligada às tecnologias da informação e comunicação? Porque essas tecnologias possuem linguagens mais dinâmicas, envolventes e sedutoras. Assim, atraem a atenção desse nicho populacional nas mais diversas faixas etárias e níveis sócio-econômicos culturais. Cabe aqui, também, a observação do professor-pesquisador José Manuel Moran (1993, p. 181), quando enfatiza: “[...] os meios são a expressão do homem contemporâneo; por isso há uma infinidade cada vez maior com as crianças e os jovens mais identificados com esse ritmo urbano (a linguagem do clipe, dos musicais)”. Esse mesmo pesquisador complementa: “[...] a criança, ao chegar à escola, já sabe ler histórias complexas como uma telenovela, com mais de trinta personagens e cenários diferentes” (MORAN, 1993, p.183).

Além das tecnologias analógicas, as digitais apresentam também inúmeros atrativos para crianças e jovens. Eles compreendem e manuseiam os aplicativos do celular, ipad, ipod, tablet e redes, como se fosse uma régua ou um lápis. “Crianças e jovem tem tempo e curiosidade para se lançar nas redes de forma aberta, para criar e descobrir novas informações” (KENSKI, 2007, p. 51). Da mesma forma, expressa Jacques Gonnet: “as mídias tocam todos os assuntos, elas são, então, particularmente interessantes em termos de conhecimentos. Além disso, elas induzem a um interesse e a comportamentos que perturbam o quadro habitual” (GONNET, 2004, p. 88).

Percebe-se que a escola está sendo constantemente desafiada pelas tecnologias da informação e comunicação. A escola e os professores precisam, então, preparar-se e



buscar subsídios para entender/compreender e se apossar dessas tecnologias (analógicas e digitais) como recurso pedagógico.

A interação e mediação aluno/professor/escola com as linguagens midiáticas pode integrar a cultura tecnológica no espaço educativo e desenvolver nos alunos habilidades para utilizar os instrumentos dessa cultura de forma crítica. É primordial que o professor da atual sociedade da informação integre nas suas práticas pedagógicas as culturas da escola com as culturas midiáticas, não desconsiderando a relevância delas na vida dos estudantes. Pois, “os meios estão na escola, não apenas na forma de recursos auxiliares, mas na cultura dos alunos que deles se servem” (PORTO, 2001, p. 28).

No contexto exposto, a pesquisadora Maria Isabel Orofino destaca:

[...] as ações de mídia-educação precisam estar em diálogo não apenas com o projeto político pedagógico para a gestão participativa e democrática da escola como também em sintonia com as ações de um colegiado escolar organizado. É ideal que haja o envolvimento de diferentes segmentos da escola como um todo [...] (OROFINO, 2005, p. 134).

Para que se concretizem e tenha visibilidade as ações mídias-educação mencionadas por Orofino, é preciso que as relações entre professor/aluno em sala de aula também ocorram de forma dialógica e horizontalmente: um fala, o outro responde e o diálogo acontece de forma natural e interativa. Assim, a comunicação inter/intrapessoal pode tornar-se mediadora do diálogo, do conhecimento e da cultura no espaço escolar.

O aluno poderá tornar-se um sujeito ativo e crítico dos processos ensino-aprendizagem e midiáticos quando produz jornal, revista (impresso e/ou eletrônico); programas radiofônicos e televisivos de cunho educativo-culturais e/ou interagem nas redes sociais, propostos em sala de aula pelo professor. Cabe aqui, a opinião da pesquisadora norte-americana Patrícia Marks Greenfield: “[...] Em virtude de a produção envolver sempre mais conhecimento do que a mera percepção parece provável que, uma vez que as crianças tenham tido experiência como produtoras, elas serão consumidores mais exigentes [...]” (GREENFIELD, 1988, p. 144).

Nessa mesma linha de raciocínio, é importante que o professor tenha conhecimento e clareza sobre as Teorias Críticas da Comunicação e as Teorias do Jornalismo que norteiam as mídias (analógicas e digitais/interativas). Além de uma pedagogia crítica para trabalhar com os alunos, os artefatos midiáticos em sala de aula.

No contexto exposto, o jornalista e pesquisador Clóvis Barros Filho comenta:



Se os meios de comunicação impõem os temas de discussão em sociedade (agenda setting), procura-se utilizar esse efeito de forma direcionada e combinada ao processo pedagógico em sala de aula. Para comunicadores e pedagogos esse processo deve permitir ao aluno, através de uma recepção dirigida, desenvolver um espírito crítico em relação às mensagens veiculadas, incentivar o contraste com outros referenciais e promover a discussão de opiniões e interpretações [...] (BARROS FILHO, 1999, p. 28).

O mesmo autor ainda aconselha:

É preciso que o alunado saiba que o jornal é fruto de um conjunto de escolhas e seleções arbitrárias. O texto informativo, como qualquer enunciado, é um processo específico de individuação da linguagem enquanto código de significação. Quando um jornalista redige uma matéria, materializa um processo ininterrupto de escolhas, de eliminações que acabam constituindo uma mensagem entre uma infinidade de possibilidades preteridas. Além das escolhas estritamente formais de sintaxe, de léxico, opera-se uma seleção temática. (BARROS FILHO, 1999, p. 30).

Maria Inês Ghilardi tem a mesma compreensão de Clóvis Filho sobre o uso das mídias como ferramentas pedagógicas do ensino e aprendizagem, quando menciona: “Ler a mídia é ler jornais, revistas, ouvir rádio, assistir a televisão, comunicar-se pelo computador e compreender os textos que produzem e as imagens que refletem” (GHILARDI, 1999, p. 107). E, continua com a mesma lógica de pensamento:

[...] é preciso saber puxar o fio que levará ao trabalho interpretativo revelador de como o discurso foi tecido, para perceber as intenções que estão por trás de cada palavra, de cada representação, enfim, de cada ato discursivo, bem como compreender a ideologia a ele subjacente (GHILARDI, 199, p. 107).

De posse desses conhecimentos, o professor poderá desenvolver a crítica social no aluno-participante, através da construção de artefatos midiáticos em sala de aula, ajudando-o a interpretar os dados recebidos pelos meios midiáticos. Nesse aspecto, o educador e pesquisador Francisco Gutierrez ressalta: “o professor já não é o sabe-tudo, mas sim um co-investigador, co-aprendiz e co-responsável pela ação educativa” (GUTIERREZ, 1978, p. 45). Deste modo, o professor e o aluno, conhecendo as Teorias Críticas da Comunicação e as Teorias do Jornalismo poderão compreender que as mídias (analógicas e digitais) são produtoras e reprodutoras de sentido e bens simbólicos. Reside nesse aspecto, a relevância de investigar nos Programas de Pós-Graduação em Educação das IES paranaenses, as dissertações que contemplam temáticas em mídias-educação, no período entre 2005 e 2011.

Métodos e Técnicas

Para o desenvolvimento dessa investigação, adotaram-se três procedimentos metodológicos julgados os mais pertinentes:

- a) Mapeamento das dissertações com temática em mídias-educação defendidas nos Programas de Pós-Graduação em Educação, das quatro universidades estaduais paranaenses (Universidade Estadual de Londrina/UEL; Universidade Estadual de Maringá/UEM; Universidade Estadual do Oeste do Paraná/UNIOESTE e Universidade Estadual de Ponta Grossa/UEPG. A Universidade Estadual do Centro Oeste do Paraná/UNICENTRO não fez parte dessa pesquisa por não possuir Mestrado em Educação nesse período estudado), compreendido entre 2005 e 2011;
- b) Pesquisa bibliográfica, objetivando a literatura sobre o objeto da pesquisa;
- c) Análise de conteúdo, à luz de Laurence Bardin (1970), contemplando duas categorias: 1ª) Mídias analógicas e 2ª) Mídias digitais/interativas, com as respectivas subcategorias elencadas das temáticas das dissertações de Mestrado em Educação defendidas e publicadas nos sites das IES estaduais paranaenses.

Resultados e Discussões

Para a compreensão do presente estudo, os resultados são apresentados em forma de tabela, conforme demonstrado a seguir:

TABELA 1: Mapeamento da temática não-midiática e temática-midiática (mídias analógicas e/ou mídias digitais/interativas) presentes nas dissertações defendidas, entre 2005 e 2011

IES (Paraná)	Nº de dissertações defendidas	Nº de dissertações (temática-midiática) defendidas	Nº de dissertações não-midiática defendidas
UEL	160	10	150
UEM	225	22	203
UNIOESTE	30	----	30
UEPG	148	7	141
TOTAL	563	39	524

Do acima exposto, observa-se que em três universidades estaduais paranaenses (UEM; UEL e UEPG) há maior índice de dissertações defendidas na temática não-



mediática. A UEM é a que mais se destaca, com 203 produções, em relação às 22 dissertações em temática-midiática.

Percebe-se, ainda, que as dissertações defendidas na UEL e UEPG também priorizam a temática não-midiática. A UNIOESTE não contempla dissertações em nenhuma dessas duas temáticas. O número pequeno de dissertações defendidas no período estudado, em relação às demais universidades estaduais, ocorre porque o Programa de Pós-Graduação *Scritto Sensu* em Educação (UNIOESTE) foi reconhecido pela Coordenação e Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), em 2006, mediante o Ofício nº 445-11/2006/CTC/CAPES.

TABELA 2: Mapeamento dos temas abordados sobre mídias analógicas e mídias digitais/interativas nas dissertações (2005 até 2011)

Temas	UEL	UEM	UNIOESTE	UEPG	TOTAL
- Ambientes virtuais de aprendizagem	0	4	0	1	5 (12,82%)
- Cinema	0	4	0	1	5 (12,82%)
- Computador e internet na educação	5	6	0	2	13 (33,33%)
- Jornal (dirigido à educação)	0	1	0	0	1 (2,56%)
- Livro (didático)	2	0	0	1	3 (7,69%)
- Rádio (dirigido à educação)	0	0	0	1	1 (2,56%)
- Revista (dirigida à educação)	0	2	0	0	2 (5,13%)
- Tecnologias da Informação e Comunicação	0	2	0	0	2 (5,13%)
- Televisão	1	2	0	0	3 (7,69%)
- Outra*	2	1	0	1	3 (7,69%)
TOTAL	10	22	0	7	39 (100%)

*Contempla (Mídias analógicas e digitais)

Na Tabela 2 observa-se maior incidência de mídias analógicas e digitais na UEM, apontando um total de 22 temas desenvolvidos em produções científicas (dissertação), compreendendo 56,41%, em relação às demais universidades no mesmo período. Em segundo lugar, a UEL com 10 temas, perfazendo 25,64%. Por último, a UEPG com apenas 7 temas, representando o percentual 17,49% do universo mapeado. Nota-se ainda, que as mídias interativas (computador e internet) aparecem como objeto de pesquisa mais acentuado no Mestrado dessas IES.



Quanto à análise de conteúdo, à luz de Laurence Bardin (1970), foram elencadas duas categorias e subcategorias. Para a compreensão dessa análise, considerou-se:

- a) O número de dissertações por categorias;
- b) O número de dissertações por subcategorias (tipificação das mídias) e o percentual correspondente.

1ª. Categoria: Mídias Analógicas

TABELA A: Mapeamento e frequência de mídias analógicas presentes nas dissertações

Mídias Analógicas Subcategorias	Nº de dissertações por subcategorias	Percentual por Subcategorias
- Cinema	5	31,25
- Jornal (dirigido à educação)	1	6,25
- Livro (didático)	2	12,50
- Rádio (dirigido à educação)	1	6,25
- Revista (dirigida à educação)	2	12,50
- Televisão	2	12,50
- Outra*	3	18,75
TOTAL	16	100,00

Na Tabela A percebe-se que na categoria Mídias Analógicas, a subcategoria cinema apresenta-se com índice maior de incidência (31,25%) nas dissertações. Em seguida, aparece a subcategoria “Outra” (que se refere ao termo mídias, indicado pelos autores das dissertações), com 18,75%. As demais subcategorias: livro, revista e televisão empatam entre si, com 12,50%. O jornal e o rádio são subcategorias que apresentam o menor índice de incidência (6,25%) nas dissertações dos Programas de Pós-Graduação em Educação das universidades estaduais paranaenses.

2ª Categoria: Mídias Digitais e Interativas

TABELA B: Frequência de mídias digitais e interativas presentes nas dissertações

Mídias Digitais e Interativas Subcategorias	Nº de dissertações por subcategorias	Porcentagem por subcategorias
- Ambientes Virtuais de Aprendizagem	3	16,67



(AVAs)	13	66,67
- Computador e Internet	2	11,11
- Tecnologias da Informação e Comunicação	1	5,55
- Mídias interativas		
TOTAL	19	100,00

Quanto à categoria Mídias digitais e interativas, verifica-se que os resultados obtidos pela subcategoria Computador e Internet (Tabela B) apresentam-se com maior frequência (66,67%) nas dissertações, em relação às demais subcategorias, como: Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVAs), com 16,67%. Percebe-se, também, que essas mídias, por serem digitais e interativas, estão presentes nos cursos de formação de professores - EAD (Educação à Distância) e na maioria das escolas, através da inclusão digital. Por isso, despertam mais a atenção dos futuros pesquisadores ao escolher uma dessas tecnologias como o objeto de pesquisa para a concorrência de seleção ao Mestrado.

Conclusão

Diante da operacionalização da análise de conteúdo e mapeamento percebe-se que a produção científica em mídias-educação não apresenta visibilidade nas dissertações defendidas e publicizadas nos sites dos Programas de Pós-Graduação em Educação das universidades estaduais paranaenses, entre 2005 e 2011.

Se partir da premissa de que as escolas paranaenses estão informatizadas, contemplam a inclusão digital e abrigam alunos e professores midiáticos, é incompreensível a não- visibilidade de produção de objetos de pesquisa na temática-midiática (mídias analógicas e mídias digitais/interativa) nos referidos Programas de Mestrado em Educação.

Na sociedade da informação, da qual todos fazem parte, as mídias se fazem presentes. Ela é tema, inclusive, de propostas pedagógicas elencadas pelo Ministério da Educação (MEC), em consonância com a Educação à Distância.

Além do MEC e Parâmetros Curriculares Nacionais, as mídias-educação estão presentes no Programa: Jornal e Educação, proposto pela Associação Nacional de Jornais (ANJ). Este Programa adentra, diariamente, muitas salas de aulas, com o objetivo de o professor utilizar o jornal impresso, como ferramenta pedagógica. Pergunta-se, então: a)



Qual a escola ou Secretaria Municipal de Educação (SME) que desconhecem os projetos: “Ler e Pensar” (Gazeta do Povo/Curitiba); “Vamos Ler” (Jornal da Manhã e Tribuna do Norte/Ponta Grossa e Apucarana, respectivamente); “Cidadão do Futuro” (Diário dos Campos/Ponta Grossa); “Diário na Escola” (Diário do Norte do Paraná/Maringá) e “Ler para Crescer” (Diário do Noroeste/Paranavaí). b) Qual o professor que optou pelo Mestrado em Educação e desconhece ou nunca acessou em casa, escola e/ou universidade, as mídias digitais e interativas (computador, internet, redes sociais...) e/ou as mídias analógicas (livro, jornal, rádio, revista, televisão...)? c) Qual o professor que jamais se questionou sobre o uso ou não das mídias (analógicas e digitais/interativas) como ferramentas pedagógicas no ensino e aprendizagem? O aluno que hoje frequenta a sala de aula é o mesmo aluno que conhece e domina essas mídias. A escola e os professores precisam conviver harmoniosamente com as mídias e as utilizar de forma crítica no ensino-aprendizagem. Para isso, o professor precisa conhecê-las e estudá-las e a pós-graduação *scrito-sensu* é o melhor caminho para a compreensão da práxis da mídia-educação.

Contudo, o que se pode observar é o contrário, pelo menos no que concerne às dissertações dos Programas de Pós-Graduação em Educação, de quatro Instituições do Ensino superior (IES) no período entre 2005 e 2011, conforme demonstra essa investigação. A UEM, por exemplo, apresenta 22 dissertações sobre mídia-educação em relação a 203, que não condizem com essa temática. A UEL vem em segundo lugar, com 10 dissertações em mídias-educação e 150, em temáticas diversas. A UEPG apresenta-se como a terceira e última IES, com 7 produções científicas em mídias-educação e 141 contemplando outras temáticas. Embora as produções científicas sobre mídias digitais/interativas (ambientes virtuais de aprendizagem, computador e internet, tecnologias da informação e da comunicação e mídias interativas) apresentem em números relativos, maior quantidade de produções em relação às mídias analógicas (cinema, jornal, rádio, revista, televisão), essa quantidade não é significativa. A diferença é de apenas três dígitos.

Referências Bibliográficas

BARROS FILHO, Clóvis. “Mundos possíveis e mundos agendados: um estudo do uso da mídia em sala de aula”. In: BARZOTTO, Valdir Heitor e GHILARDI, Maria Inês (orgs). **Mídia, educação e leitura**. São Paulo: Associação de Leitura Brasil, 1999.



CEBRIÁN, Juan Luís. **A rede:** como nossas vidas serão transformadas pelos meios de comunicação. São Paulo: Summus, 1999.

D'ANGELO, Newton. **Escolas sem professores:** o rádio educativo nas décadas 1920/1940. São Paulo, 1994. Dissertação de Mestrado. PUC/SP.

GHILARDI, Maria Inês. “Mídia, poder e leitura”. In: BAROZOTTO, Waldir e GHILARDI, Maria Inês (orgs). **Mídia, educação e leitura.** São Paulo: Associação de Leitura do Brasil, 1999.

GONNET, Jacques. **Educação e Mídias** [trad. Maria Luiza Belloni]. São Paulo: Loyola, 2004,

GOTTIEB, Liana. O educador Janusz Korczak. **IMES Comunicação**, São Caetano do Sul, v.2, n.3, p. 35-44, Jul/Dez, 2001.

GREENFIELD, Patrícia M. **O desenvolvimento do raciocínio na era eletrônica:** e os efeitos dos computadores e videogames [trad. Cecília Bonaminel]. São Paulo: Summus, 1988.

GUTIERREZ, Francisco. **Linguagem total:** uma pedagogia dos meios de comunicação [trad. Wladimir Soares]. São Paulo: Summus, 1978.

HORTA, Silvério. “Histórico do rádio educativo no Brasil (1922-1970)”. In: **Cadernos da PUC**, Rio de Janeiro, 1972.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias:** o novo ritmo da informação. Campinas: Papirus, 2007.

MORAN, José Manuel Costa. **Leituras dos meios de comunicação.** São Paulo: Pancast, 1993.

OROFINO, Maria Isabel. **Mídias e medição escolar:** pedagogia dos meios, participação e visibilidade. São Paulo: Cortez, 2005.

PORTO, Tania M. Esperon. “Educação para a mídia/pedagogia da comunicação: caminhos e desafios”. In: PENTEADO, Heloisa Dupas (org). **Pedagogia da comunicação:** teorias e prática. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.